

Entrevista

J. BORGES

J. Borges¹

XILOGRAVURISTA, «PATRIMÓNIO VIVO DE PERNAMBUCO»

Entrevista conduzida por

Fabio Mario da Silva (CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará)

J. Borges (José Francisco Borges), patrimônio vivo de Pernambuco, nasceu no município de Bezerros, em 1935, e é, atualmente, reconhecido como um dos mais importantes xilogravuristas do Brasil. Seu trabalho se inicia na década de 60, com a produção de versos para os livretos de cordel e talhando madeira para as suas xilogravuras. Nessa altura, conhece, em Caruaru, um outro ícone da xilogravura nacional, também ele patrimônio vivo de Pernambuco, Mestre Dila. Nessa entrevista, Borges nos fala sobre o a inspiração do seu trabalho no entalhe da madeira, a literatura de cordel, a cultura pernambucana e nordestina, bem como alude estórias com outro grande artista e seu amigo, o Mestre Dila.

¹ Transcrição de gravação realizada no dia 8 de novembro de 2017, em Bezerros, Pernambuco, Brasil. No nosso trabalho de transcrição tentamos preservar ao máximo a linguagem oral de J. Borges, que reflete as marcas do regionalismo presente no português falado em Pernambuco.

P J. Borges, há alguma xilogravura do seu trabalho que você mais estima, ou um tema & que lhe chama mais a sua atenção, ou uma **R** xilogravura que marcou a sua carreira?

Gravura eu gosto de todas. Eu considero a gravura como um filho. É um trabalho que eu não posso dizer que um é melhor ou o outro é ruim. Mas eu tenho gravuras que marcaram muito a minha trajetória de trabalho, como a que eu criei «A chegada da prostituta no céu».² Foi uma gravura que eu criei nos anos 80 e essa gravura me alimentou por vários anos. Sempre onde eu chegava vendia essa gravura e o povo mandava eu contar a história. E aí uma vez uma mulher me perguntou porque eu não fazia o cordel. Então eu escrevi o cordel. E esse cordel foi muito bem-sucedido até hoje. Vendo bem esse cordel e a gravura. E tem muitas outras, como o «Monstro do sertão», que era uma gravura da mira³ de Ariano (Suassuna). Tem também «Lua de mel do matuto». Há também muitas outras gravuras inspiradas no Nordeste, na vida social, dentro do trabalho, relatando também o campo. Eu faço sempre meu trabalho relatando o Nordeste. Eu já andei mundo afora e vi muita coisa, mas quando vem alguém de fora (do estrangeiro) quer levar coisas daqui do Nordeste. Então, é isso que me faz trabalhar

² Reproduzimos a capa desse cordel e xilogravura na sessão anexo, em anexo A.

³ Que Ariano Suassuna considerava uma obra-prima, no conjunto das produções de J. Borges.

dentro da minha região, explorando as paisagens do campo, a convivência do povo, o seu dia a dia e também eu exploro muito as coisas referentes ao humor. A gente vive num mundo «cão», num mundo violento, por isso é bom que haja um trabalho que faça alguém rir e eu gosto de fazer isso.

E sobre a cultura pernambucana, até que ponto ela lhe influencia? Gostaria que você falasse um pouco dessa riqueza cultural do nosso estado e como essa cultura se reflete na sua obra.

Quando as pessoas vêm de fora querem levar as coisas daqui. Eu exploro mais as paisagens do agreste e os campos do sertão. Pernambuco, eu considero um dos estados nordestinos mais bem-sucedidos em arte. Há muitos artistas aqui, artistas que se fizeram do nada, porque nossa região é rica em cultura popular. Eu atribuo esse sucesso ao seguinte: foi uma região muito pobre, onde existe mais pobreza, fazendo com que muita gente parta para fazer alguma coisa para ganhar a vida. A arte popular mais autêntica não é aquela que é estudada em escola, sala de aula, mas vem daqueles artistas que têm uma ideia e resolvem fazer alguma coisa. Aí ele consegue viver daquela arte e trabalha com muito gosto e muito prazer.

Dos artistas de Pernambuco, de várias áreas (música, xilogravura, literatura de cordel, pintura, etc.) quais são os que você considera como grandes nomes ou com quais a sua obra dialoga mais?

Na literatura de cordel eu considero o maior poeta de Pernambuco José Pacheco da Rocha, o que escreveu «A chegada de Lampião no inferno», «O sofrimento de Cristo» e escreveu muitas outras obras. Entre os 10 poetas brasileiros do cordel, eu coloco ele, os outros todos são da Paraíba. Então, fora isso, dentro da gravura, eu conheço o Mestre Dila de Caruaru, foi um que há muitos anos, desde a mocidade dele, desde a adolescência, já fazia gravura. E o Olegário (Fernandes) conta que ele (Dila) fazia gravura sentado numa rede. Ele cortava a gravurinha, a madeirinha, sentado na rede e à noite ele virava o lado da rede e dormia na própria rede. Isso ali na ponte nova em Caruaru, nos anos 40. Teve Mestre Noza de Taquaritinga, que morreu em Juazeiro do Norte, foi um grande gravurista.⁴ E têm os poetas de cordel, sem esquecer João José da Silva, que foi poeta e editor em Recife, tem também João de Ataíde. O patrono da literatura de cordel é o Leandro Gomes de Barros,⁵ mas ele é paraibano. Tem muitos outros poetas bons, como Severino Milanês da Silva, que era de Bezerros. Atualmente nós temos um poeta de cordel muito bom, até eu espero que ele seja patri-

⁴ E também importante escultor.

⁵ Nasceu no município de Paulista, na Paraíba, em 1865, e morreu em Recife, Pernambuco, em 1918.

mônio vivo também, é Gonzaga de Garanhuns, ele escreve muito bem e ele tem um grupo de dança, de fandango, que é muito bom. E na música o maior cantor brasileiro e nordestino foi Luiz Gonzaga e eu sou apaixonado por sua música. E artista do barro Vitalino. Em toda área da arte Pernambuco sempre teve e tem atualmente artistas bons. A arte vai se ramificando através das famílias e vai se espalhando, perpetuando-se. Pernambuco tem muito isso, da praia até o alto sertão, é cheio de artistas bons e artistas que têm ideias de criar na arte do barro, das imagens, de trabalhos a partir da madeira e todos eles fazem com muito carinho e dedicação. Eu trabalho assim e acho que os outros também trabalham assim.

Qual a importância que você atribui ao Mestre Dila e à história da xilogravura em Pernambuco?

A importância de Dila na xilogravura é porque foi ele quem primeiro imprimiu e fez para João José gravar em cordel. Antigamente não existia nenhuma xilogravura no cordel. E Dila começou já nos anos 40 fazendo gravura para capa de cordel. Foi isso que deu margem a popularizar tanto a gravura no Nordeste. A gravura, ela veio da Europa e já passava muitos anos aqui, mas ilustrando capa de jornal, rótulo de aguardente, rótulo de cigarro, rótulo de bebida, então ela ficava sem fama e depois que ela entrou no cordel foi que se popularizou e o primeiro mestre que fez as primeiras xilogravuras para o cordel foi Mestre Dila de

Caruaru. Depois ele passou a fazer tamanhos maiores, fazendo carimbos, trabalhando em madeira. E o que eu admiro muito nele é o fato de trabalhar com borracha. Eu não sei trabalhar com borracha. Eu acho a borracha horrível para se cortar. Eu tentei uma vez fazer, mas eu não fiz nenhuma, eu acho horrível de cortar. Já o Mestre Dila cortava com uma facilidade. Ele tanto cortava para carimbo ou para peças maiores. Houve uma época que ele colocou uma gráfica para fazer rótulos coloridos, e os clichêzinhos, todos era ele que cortava em borracha com as cores diferentes – ele colocava o clichê amarelo, o clichê verde, o clichê vermelho, o clichê azul. Ele tinha cinco máquinas manuais. Ele pegava um papel e saía trocando as máquinas com as cores e depois completava; a última máquina era (do clichê) preto. Aí ele fazia o rótulo colorido, imprimia em cinco máquinas para poder sair completo. Isso tudo foi Dila quem inventou essas coisas. Dila era muito calmo. Era um homem que não passeou, não viajou, não conheceu nada, mas ele captava muito as coisas do trabalho. Ele descobriu novidades. Toda a vez que eu chegava lá Dila inventava uma coisa diferente. Agora é pena que ele deu muita arte e vendeu muito barato. Quando se vende muito barato, tem gente que compra tudo e ele atualmente não tem muita coisa.

Você acha que de certa forma o Mestre Dila influenciou o seu trabalho?

É, incentivou um pouco. Agora quando eu fui embora daqui da região em 52, passei 15 anos na região do sul do estado, quando eu voltei aqui para Bezerros. Aí eu precisei fazer o cordel, imprimir o cordel e eu fui na casa de Dila, que eu só conhecia de nome. Quando eu cheguei lá, estava Dila, naquela calma dele. Eu dei um cordel para ele imprimir. Ele tinha uma maquinazinha, o sobrinho dele era quem imprimia para ele. Aí ele me dizia: deixa eu ler para ver se tem jeito de vender (risos). Ele era o supervisor. Aí ele lia e dizia que está bom, dá para vender bem. Aí imprimiu dois cordéis meus. Aí eu tirei⁶ pra outra gráfica. E toda vida eu fui muito amigo de Dila, eu gostava dele em todos os sentidos. Por ser um artista bom, uma pessoa ótima, que não tinha aperreio⁷ com ele. Eu nunca vi Dila com raiva de nada. Nem aperreado por conta de trabalho, disso, daquilo, não! Dila foi um homem que trabalhou a vida toda, calmo. Hoje em dia ele não conhece mais ninguém, é uma pena. Ele foi um homem que trabalhou sem maldade, sem ter ira, tudo o que ele começava a fazer, fazia perfeito. E parece que nunca deu errado um trabalho de Dila.

⁶ O mesmo que «fui».

⁷ O mesmo que «preocupações» ou «estresse».

Você poderia contar uma história pessoal sua com o Mestre Dila, alguma coisa que aconteceu que ache interessante contar, que revele um pouco da personalidade do Mestre Dila?

Quando Ariano (Suassuna) era secretário de cultura do município de Recife, ele criou um projeto que dava dois mil cordéis publicados e um prêmio de dois mil cruzeiros para cada artista. E Dila foi premiado. Aí Liedo Maranhão disse para eu ir na casa de Dila e pegar os dados dele (CPF, identidade, residência) para a gente fazer o pagamento. Então, eu fui na casa dele buscar os dados pessoais para fazer seu recibo. Então, ele disse: qual é a identidade que você quer? Tem a nova e tem a velha. Eu lhe disse que tanto faz. Ele disse não, é porque de dez em dez anos eu tiro uma identidade diferente para ser novidade (risos). Eu disse: eu quero a velha! Então ele me deu, ele é do mês de julho de 1936. Ele é 7 meses mais novo do que eu. Eu fui a Recife, levei os dados, pagaram a ele. Dila impressionou e disse que devia dar alguma coisa a mim. Um dia eu fui visitar ele, eu sempre o visitei. Fui um dia com meus filhos, minha mulher. Chegamos num domingo à tarde. A mulher de Dila me disse que foi bom eu ter ido porque ele não dormia mais, porque eu fiz o favor de levar os documentos, e (segundo a esposa): «ele disse que ia gratificar o senhor e comprou uma resma de papel para lhe dar e todo dia ele fala nisso. Só que se você disser que não quer ele não vai dormir de noite, e eu vou me aperrear muito com ele». Então, ela chamou

ele e ele me deu a resma. Eu disse que não precisava, mas ele insistiu porque eu tinha lhe feito um favor.

Há algum trabalho do Mestre Dila, cordel ou xilogravura, que lhe tenha chamado muita atenção e que você considera como um dos melhores da carreira dele?

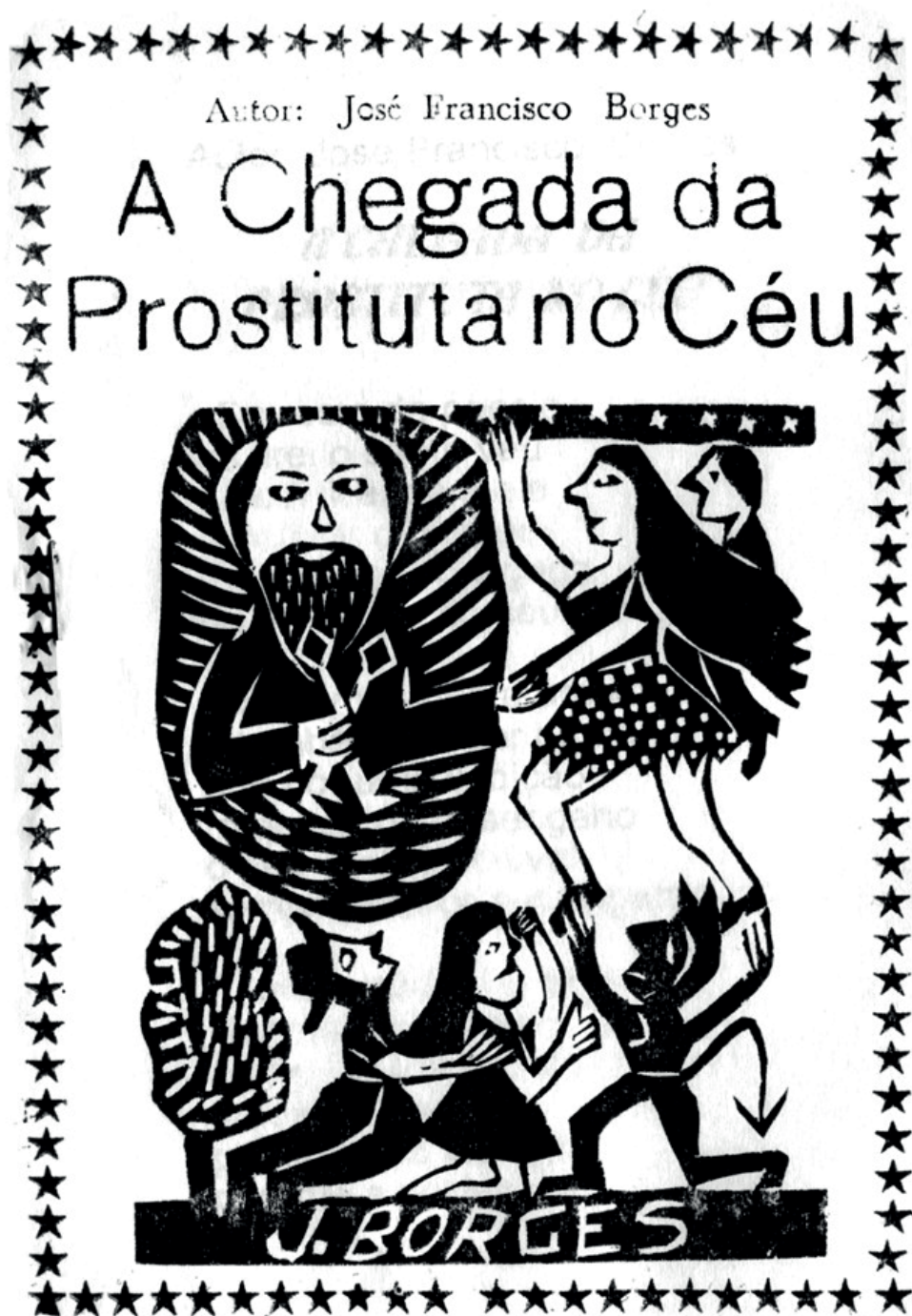
Os trabalhos de Dila são bons. Eu só não lembro do título, mas ele tem um cordel que fala em Camões e tem uma gravura muito bonita.⁸ Uma vez eu comprei a ele 200 cordéis dele pra vender. E depois tem uma história engraçada: em 71 eu estava conversando com camelôs na feira e eu disse que não sabia o que fazer, acabou o dinheiro na feira. Eu acho que eu vou deixar o ramo. Dila soube e mandou me dizer que eu fosse na casa dele. Eu quando cheguei lá, ele estava com uma caixa de papelão cheia de cordéis para me dar, porque disse que não podia me ajudar em dinheiro, mas ajudava com os cordéis, com mais de um milheiro de cordel. Eu fiz força para não trazer, mas ele forçou a barra para eu trazer. Ele era muito caritativo, muito filantrópico, muito amigo. Ele se doía muito da fraqueza dos colegas. Ele foi uma pessoa espetacular. Eu gostava muito dele. Dila foi não só um grande artista, mas uma pessoa humanizada. Eu passava dias na casa dele. E não havia nenhuma pessoa que

⁸ Reproduzimos em anexo (B) essa gravura, capa do cordel intitulado «Camões e o Rei Mágico».

chegasse na casa dele pedindo (escolas) e ele não desse nada. Ele dava alguma coisa: objeto de casa, pacote de fubá, arroz, e dava dinheiro também. Além de grande artista, Dila foi uma pessoa muito humana e sensível com o povo.

Anexos

A





==

⁹ Imagem reproduzida da recensão de minha lavra sobre a *Xilogravuras do Mestre Dila. Uma Visão Poética do Nordeste*, de Hérlon Cavalcanti, publicada na *Revista Alere*, em 2013, disponível em : <https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/494>.